

Uma data de edições de teatro

João Dionísio

As celebrações comemorativas costumam ater-se a números redondos, como o das duas décadas passadas sobre a criação do Centro de Estudos de Teatro (CET). Convidado a escrever sobre as edições publicadas ou chanceladas por este centro, o que procuro fazer a seguir não pretende fixar-se em 1994 como momento inaugural, mas sim na ideia de que a produção de edições de textos de teatro tem sido no CET uma actividade tão constante e frutuosa que, ao longo destes vinte anos, poderíamos suspender o tempo em vários pontos para festejo.

Acerca das possibilidades do conhecimento da literatura portuguesa em 1977 fez Osório Mateus, um dos fundadores do centro, a seguinte constatação sombria:

O espantoso amadorismo, a total ausência de uma "escola", no sentido da aquisição e utilização de instrumentos analíticos aferidos, a incultura metodológica e histórica sistematicamente transmitida ou propagada tornam os oito (?) séculos de literatura em língua portuguesa um terreno mal decifrado, deficientemente visto e lido, arrumado em fronteiras arbitrárias de períodos e géneros; um terreno final surpreendentemente virgem. [Mateus 2002: 81]

Estes vinte anos de edições do CET têm sido, no terreno específico do teatro, a insistência na necessidade de manter uma "escola" entretanto criada, isto é, de criar e usar instrumentos analíticos testados e aperfeiçoados, de inculcar métodos, de recuperar a história, de ver e ler bem, de visitar criticamente as fronteiras periodológicas e genológicas para as certificar ou modificar. "Escola" quer por certo também significar trabalho formativo através da cooperação e creditação do contributo individual, significado que as edições do CET têm honrado no reconhecimento da colaboração de pessoas como Maria João Almeida, Maria João Brilhante, José Camões, Tiago Certal, Filipa Freitas, Bruno Henriques, Paula Magalhães, Rita Martins, Inês Morais, Lurdes Patrício, Isabel Pinto, Maria Helena Seródio, Helena Reis Silva e José Pedro Sousa. Esta é uma diferença bem significativa em relação a uma época, não tão distante, em que se estranhava pouco ou não se estranhava de toda a intervenção anónima de amanuenses em realizações editoriais de cujo trabalho se apropriavam figuras mais ou menos conhecidas da cultura e da universidade portuguesa (Teófilo Braga, por exemplo).

Um dos papéis que o CET tem desempenhado com destaque no seio da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e também fora é a promoção da aliança entre a edição e as tecnologias digitais. O peso desta aliança aparece consagrado nos próprios estatutos do centro (de 29 de Março de 2010), onde se afirma que um dos seus objectivos estratégicos é o desenvolvimento de investigação

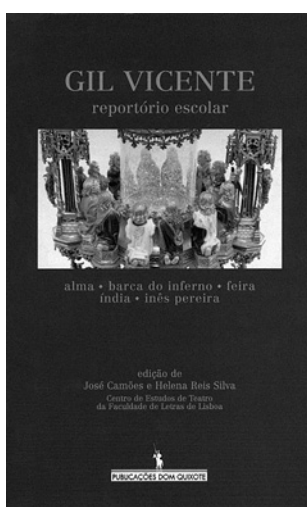
no campo da História do Teatro e do Espectáculo, em articulação com as novas tecnologias. A este respeito, os estatutos indicam que muito do trabalho realizado visa constituir "bases de dados sólidas" e preparar "edições electrónicas de textos de difícil acesso" [Estatutos: 1].

No domínio das humanidades digitais, o primeiro produto de relevo lançado pelo CET foi o CD-ROM Gil Vicente, *Todas as obras*, talvez o mais mediatizado objecto da colecção "Biblioteca virtual dos Descobrimentos portugueses", chancelada pela Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses em 2001. O interesse deste suporte electrónico residia então na possibilidade de articular a transcrição dos autos de Gil Vicente com o facsímile dos testemunhos quincentistas, mas de maneira geral em aproveitar as amplas possibilidades de armazenamento para juntar texto de teatro, apresentação crítica, anotação, glossário, possibilidades de pesquisa vocabular e temática, bibliografia, imagens e composições musicais relacionadas com a obra vicentina e a época do autor.

O CET teve depois contributo relevante na digitalização que a Divisão da Biblioteca da FLUL iniciou em 2005, no âmbito de projecto mais vasto, do espólio doado por Osório Mateus à instituição onde foi professor. O contributo traduziu-se sobretudo no apoio ao levantamento preliminar dos materiais a digitalizar e no apoio à elaboração do DVD-ROM *Teatro histórico do século XIX na colecção Osório Mateus*. De seguida, o CET foi sujeito principal no refinamento de algumas das facetas do CD vicentino antes abordado, o que permitiu o lançamento em 2007 de um outro CD-ROM, *Teatro de autores portugueses do século XVI*. É de notar que a explicação técnica das necessidades editoriais que o programa informático aqui utilizado procurou satisfazer e das características do próprio programa foi exemplarmente dada na tese de doutoramento de José Camões, defendida no ano anterior. De entre os vários atractivos do novo CD, talvez se possa dar destaque a dois. Em relação ao conteúdo, diferentemente do que sucedia com a produção de Gil Vicente, este conjunto de textos era globalmente muito pouco conhecido (incluindo mesmo alguns inéditos no nosso tempo) e a sua disponibilização tinha um impacto muito significativo na reapreciação do teatro quincentista português. No plano da estruturação interna do CD-ROM, a circunstância de aqui se tomar em consideração um número plural de autores permitia, através das várias ferramentas de pesquisa, aproximações a zonas comuns de exploração de conteúdo, de referências culturais, de léxico e de expressões mais ou menos correntes. Lançavam-se assim as bases, muito interessantes e em curso de

João Dionísio
fez o seu
Doutoramento em
Literatura Portuguesa
na Universidade de
Lisboa e é Professor
Associado na Faculdade
de Letras da
Universidade de Lisboa,
tendo como áreas
principais de
investigação e docência
a Literatura Portuguesa
(especialmente a
Medieval) e a Edição
de Texto.

<
Capa do livro de Gil Vicente, *Reportório escolar: Alma, Barca do inferno, Feira, Índia, Inês Pereira*, Lisboa, [CET] / D. Quixote, 2000.

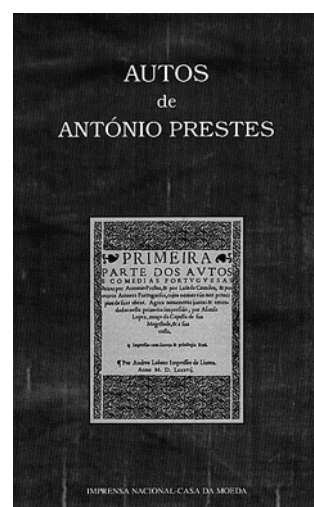


>
Capa do livro de Osório Mateus, *De teatro e outras escritas*, Lisboa, [CET] / Quimera, 2003.



>>

Capa do livro dos *Autos de António Prestes*, Lisboa, [CET] / IN-CM, 2008.



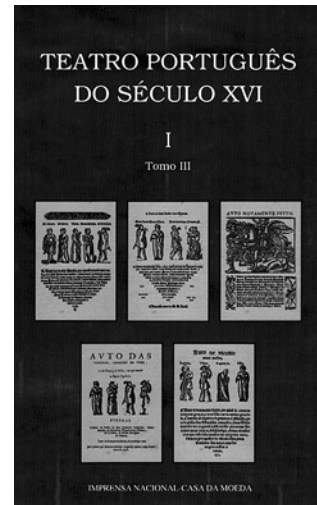
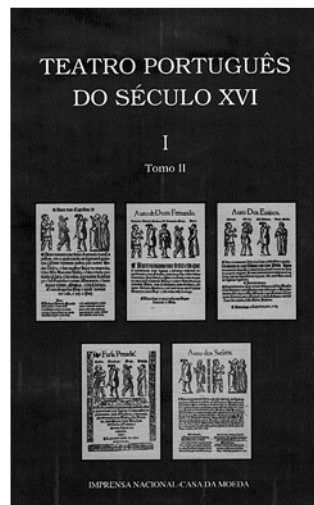
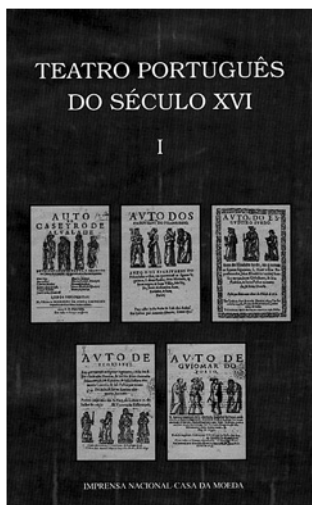
progressiva definição, para uma hipótese de história do teatro mais informada. Entretanto, talvez remonte à fase final da produção deste CD (ou até a momento anterior) a percepção no CET de que, apesar das vantagens deste tipo de suporte, quer quanto ao armazenamento quer quanto à capacidade de permitir ligações entre conteúdos de natureza igual ou diferente segundo o interesse do utilizador, havia nele uma limitação incontornável. A limitação consistia no fechamento do CD: uma vez ocupado com informação e com possibilidades de pesquisa relacional, por abundantes que fossem uma e outras, não havia possibilidade de actualização no próprio suporte. Por isso também, o CD ficava inesperadamente próximo das barreiras do livro. Tal proximidade fica patente no que escreveu Osório Mateus acerca de livro inesiano: "Sinais de fabrico defeituoso, erros, omissões podem ir sendo eliminados se um trabalho destes for transformável e não estiver assim preso ao suporte papel e à forma livro" [*ibid.* 2002: 435].

É sobretudo neste contexto que a produção em linha ganha um papel estratégico no CET, com objectivos e resultados eficazmente muito heterogéneos. Quando a finalidade do utilizador é a investigação, as bases de dados, que também se fundam em trabalho editorial, são a escolha óbvia, já não limitada por factores de acessibilidade física do CD-ROM e de compatibilidade com os sistemas operativos actuais. As bases de dados têm, pois, justificado protagonismo logo na entrada da página do CET. De entre elas, a base "CET-e-quinhetos", concluída três anos depois do CD *Teatro de autores portugueses do século XVI*, recupera deste projecto os conteúdos e os modos de pesquisa. Quanto à base "CET HTP online", em curso de elaboração, a sua finalidade é compilar transcrições e reproduções digitais de documentos com interesse para a história do teatro em Portugal desde o séc. XVI ao séc. XIX. Possibilitando pesquisa livre e orientada (segundo o ano do documento e dezenas de categorias que abarcam, por exemplo, "Censura", "Encenação" ou "Salários"), esta base é um verdadeiro programa gerador de informação cruzada preciosa e apoiada por um dispositivo simples e eficiente de leitura que permite ao utente consultar, em alternativa ou em conjugação, transcrição modernizada, transcrição paleográfica (quando o documento é manuscrito) e facsímile. Neste ponto vale a pena lembrar que Peter

Robinson aproxima o conceito de edição electrónica do de biblioteca digital, na medida em que a escolha sobre pesquisa são usados, à semelhança do que sucede numa biblioteca, cabe ao leitor [Robinson 2001: 46]. Uma vez abonada com mais dados do que os que hoje são publicamente disponibilizados, o tipo de serviço que uma base deste género pode prestar está bem ilustrado no trabalho que José Camões e Isabel Pinto fizeram sobre a recepção (e traduções) em Portugal da tragédia de Voltaire *Le fanatisme ou Mahomet le prophète*, quase exclusivamente baseado em documentos de arquivo [cf. Camões / Pinto 2012].

Numa direcção diferente da das bases, o CET procura disponibilizar texto através de modo de leitura corrente, nas "Edições Online", oferecidas em PDF. Aqui, entre outros encontros, o utilizador pode ter acesso a um copioso conjunto de textos de teatro e a uma série de poéticas. À data de 30 de Setembro de 2013 estão disponibilizados 74 textos quinhetistas, 1 seiscentista e 2 setecentistas. O conjunto é fixado de maneira quase espartana, de acordo com normas de transcrição actualizadoras, mas que procuram não chocar com a realidade fonética indiciada por cada texto, e com muito poucas anotações. A série de "Poéticas Teatrais", onde estão reunidos textos de Correia Garção (1724-1772), Manuel de Figueiredo (1725-1801) e Miguel Tibério Pedegache Brandão e Ivo (c. 1730-1794), interessa pela inclusão de textos setecentistas e pela importância atribuída às doutrinas no Neo-Classicismo, pois o mapa do teatro do séc. XVIII também se constrói pela distância, maior ou menor, que a literatura teatral vai firmando em relação a estas "artes poéticas". Tanto no caso do formato PDF, que acolhe uma denominação de origem moderadamente controlada (em geral, referência à instituição e identificação do editor, espécie de advertência para quem queira deixar-se tentar por apropriação indevida), como no caso das bases de dados há a sugestão ou indicação expressa de que qualquer uso deve ser referenciado: "Solicita-se a quem utilizar esta edição que cite a fonte".

Um tanto avessos a coreografias de marcação (como a Text Encoding Initiative) que podem sugerir a alguns um padrão excessivamente comum, José Camões e o CET têm vindo a elaborar, por via empírica e comunicação doutrinária, um pensamento e uma prática próprias de



<< <>

Capa dos livros *Teatro português do século XVI*, Lisboa, [CET] / IN-CM, I tomo I, 2007; I tomos II e III, 2010.

quem faz corridas de longo curso. Neste aspecto, os avanços não podem ser feitos por quem espera em sossego pela última e definitiva palavra, pois a última palavra é sempre a mais recente até ser substituída por outra ainda mais recente e assim por diante. O que dizia Peter Shillingsburg em 2001 não perdeu actualidade:

It is easy to get lost or discouraged in the field of electronic texts. Every new whoop-tee-do in these areas seems to become last week's news in the face of new ones. We are tempted to wait out the turmoil, perhaps hoping to come in at the home stretch with the winners, like one of those cheaters in marathon races who joins for the last mile or two. The electronic future of our profession needs to be mapped in a variety of ways, including constant monitoring of new hard and software. [Shillingsburg 2001: 19]

Faz, pois, sentido que o CET prossiga a maratona e que partilhe com a comunidade e teste em *corpora* diferentes dos que costuma tratar as soluções electrónicas até agora desenvolvidas com mais sucesso. Neste contexto, é tudo menos fruto do acaso que José Camões tenha sido um dos promotores do consórcio Humanidades Digitales Hispánicas. Sociedad Internacional, lançado em Bilbao no final de 2011 com o objectivo, entre outros, de animar o intercâmbio de experiências relacionadas com as humanidades digitais, de explorar as possibilidades de colaboração e de fomentar o estudo e a formação neste domínio. A experiência angariada por José Camões e pelo CET nas humanidades digitais permite pensar no interesse que pode existir em prestações de serviço externo, como já sucedeu com o heterogéneo projecto Littera (<http://cantigas.fcsh.unl.pt/apresentacao.asp>).

A circunstância de as edições em papel não serem mencionadas nos estatutos do CET não significa desconsideração, pelo contrário. Mas tal ausência de menção sinaliza talvez como todas elas foram elaboradas numa época em que o livro não é o único formato editorial disponível.

A primeira edição marcante em papel lançada pelo CET encontra-se nos cinco grossos volumes da complexa realização *As obras de Gil Vicente* (2002), a qual, não sendo uma derivação simples do CD-ROM Gil Vicente, *Todas as obras*, seria inconcebível sem este antecedente. Julgo estarmos perante mais um sinal de como a inteligência digital ajuda a tomar consciência da especificidade do

formato "livro" e dos modos próprios como este pode ser veículo de memória e saberes:

Apresenta-se em *As obras de Gil Vicente* uma mecânica que permite de modo confortável cotejar duas versões – das obras que as têm – confrontando não só as transcrições dos textos como também as reproduções dos originais que serviram à sua fixação (os folhetos, a *Copilação* de 1562 e a *Copilação* de 1586). Basta para tal uma mesa com um tampo mínimo de cerca de 0,5 m2 para comportar quatro volumes abertos. [Camões 2004: 48-49]

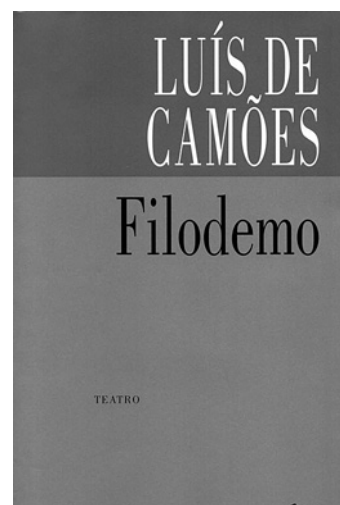
Esta edição também exhibe uma série de características detectáveis em várias edições posteriores dirigidas por José Camões igualmente resultantes da parceria estratégica de sucesso com a Imprensa Nacional – Casa da Moeda (responsável pela publicação da maior parte dos volumes de teatro preparados pelo CET). Vejamos algumas delas, na companhia de observações de tamanho muito desigual:

Cuidados particulares na recensão testemunhal – etapa inicial na preparação de edições tanto em suporte electrónico como em papel, o CET tem chamado a atenção para a necessidade de identificar e inventariar testemunhos de textos teatrais que se encontram em bibliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros. Estes cuidados com a fase de recensão tem permitido a redescoberta de testemunhos dados como perdidos e a localização de outros até agora desconhecidos (assim um novo manuscrito da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, outro de Sá de Miranda [cf. Camões 2008 e Camões / Carlos 2006]).

Seleção do testemunho-base – por via de regra os textos são transcritos a partir das edições mais antigas, não havendo nenhum impulso para a análise estemática da tradição subsistente. Aliás, é manifestado desinteresse relativo pela fixação sintética de um texto, quando se dispõe de várias redacções ("Parece-me que, mais útil do que estabelecer o 'texto verdadeiro', é fixar as diversas lições que se agregam no texto crítico" [Camões 2004: 47]). Este procedimento também tem consequências na terminologia, onde se faz coincidir documento de proveniência com original. Apesar de José Camões apreciar o lema *recentiores deteriores*, há excepções a esta orientação, como no caso de *Filodemo*, de Luís de Camões, pois entre os dois testemunhos preservados (o impresso de 1587 e o *Cancioneiro de Luís Franco Correia*, de 1589), foi seguido o juízo de Paul Teyssier, para quem uma edição

<>

Capas dos volumes II e III
de *As obras de Gil Vicente*,
Lisboa, [CET] / IN-CM, 5
vols., 2002.



Capa do livro de Luís de
Camões, *Filodemo*, Lisboa,
[CET] / Cotovia, 2004.

>>

crítica do *Filodemo* devia basear-se no testemunho manuscrito. Na verdade, Teysier acreditava na existência de poucos intermediários entre o arquétipo e o cancionero, por um lado, e achava, por outro, que o cancionero teria sido menos permeável a intervenção de terceiros por não ter passado pela censura. Ao mesmo tempo, a edição de José Camões, que assim retira do Cancioneiro de Luís Franco Correia o texto-base, não deixou de integrar uma cena que só existe no impresso: quando Vilardo e Doloroso vão dar música a Solina [cf. Camões 2004: 85, nota 199, e 109]. De maneira menos sujeita a procedimentos alternativos surge o contributo do *codex descriptus* quando o testemunho mais antigo revela algum problema material: é o caso do *Auto de Santa Bárbara*, de Afonso Álvares, a cujo testemunho-base – um impresso de 1591 – falta o terceiro fólio, por isso tendo havido recurso neste ponto do texto ao impresso posterior, de 1634 [cf. Álvares 2006: 83].

Escrutínio da lição chegada até nós – o editor emenda, sempre que se afigurar necessário, o *textus receptus*, tendo em conta o estado da língua, a métrica, o conhecimento de hábitos tipográficos, entre outros factores.

Normas de transcrição – tende a ser adoptada a norma ortográfica vigente no momento em que cada edição é produzida, tentando-se fazer dela um instrumento para dar a conhecer a realidade fonética da língua no tempo do autor. Normas globalmente comuns permitem ler a par textos editados em papel e o *corpus* electrónico a que me referi antes. De entre as normas, justifica realce a pontuação discreta, que faz jus a uma das máximas de Osório Mateus: "edição feita para dar texto a ler, não para dar texto lido" [Mateus 2002: 231]. Mas também neste particular é o caso, e não um preconceito qualquer, que dita o procedimento adoptado. A título de exemplo, a par do léxico algo especial a que recorre, António Prestes serve-se de uma sintaxe quase estranha, que permite formas de versificação, como o engalopamento, pouco habituais no teatro, e usa imagens e metáforas lexicalizadas, pouco frequentes na actualidade e até de algum modo surpreendentes. Estes traços particulares obrigaram a uma adaptação dos critérios de pontuação aplicados genericamente nas outras edições do CET [cf. Camões *in* Prestes: 15].

Numeração de versos – boa prática ainda não completamente consensualizada entre nós, há pouco

menos de dez anos ainda era preciso justificá-la: "A numeração de versos nas transcrições permite o diálogo entre dois textos, o do Autor e o do Editor" [Camões 2004: 49] e, pode acrescentar-se, o do leitor, por exemplo, quando quer citar.

Anotação – se excluirmos o aparato crítico, a anotação é uma das dimensões do trabalho editorial que é menos consensual ou, por outras palavras, que pode ser explorada de acordo com o perfil que se traça do leitor-alvo. Nestas edições, o leitor-alvo é quem não sabe (o que significa "Homero"), informação passível de parecer excessiva, mas que me parece ajustada ao nosso tempo. A anotação cobre nas edições CET facetas do texto tão variadas quanto: referências culturais do género "Homero", deficiências do suporte, recurso a testemunho que não é o portador da lição-base, legislação, métrica e acentuação (decisivos para leitura em voz alta), contextualização cultural e histórica, passos bíblicos. Adicionalmente, confere-se valor singular ao registo de língua palpante, sobretudo nos muitos autos que falam da actualidade da época em que foram concebidos: formas paremiológicas nem sempre atestadas, variantes regionais e sociolectais, termos que não estão dicionarizados.

Facsimile – faz-se a reprodução (sendo possível) de imagens (a edição de 2002 reproduz integralmente pela primeira vez o exemplar de Harvard da *Copilação* de 1562). De circulação bem mais restrita, a colecção "azul" de teatro setecentista também evidencia a importância da reprodução dos testemunhos.

Zelo na revisão – está especialmente visível na errata que acompanha a edição das *Obras de Afonso Álvares* e que dá atenção particular a caracteres especiais: *q* com traço sobreposto, e tironiano e *s* longo. Note-se que nas edições seguintes a esta, se não erro, resolveu prescindir-se destes caracteres (de acordo também com o desconforto de José Camões com transcrições paleográficas de impressos [cf. Camões 2004: 47]).

Depois, por certo, há traços próprios de boa parte dos volumes de texto teatral publicados posteriormente à saída d'*As obras de Gil Vicente*. Um dos mais conspicuos é, na parte introdutória, a reavaliação da biografia dos autores, em obediência à necessária desconstrução do mito da chamada "escola vicentina". Por isso se reconhecem modos, tempos e espaços mais ou menos próprios ou mais ou menos dependentes de fazer teatro de vários dos

autores tão escondidos sob aquela etiqueta. A preocupação de entender o sentido da história nota-se na análise, quando oportuna, de certos elementos do código bibliográfico. Assim, por estar representado com o pé adiantado intacto, a gravura de António Pacheco permite talvez estabelecer prioridade em relação a impressos de outros textos de teatro cuja gravura apresenta o pé mutilado [*Teatro português do século XVI: 7-8*]. Outra característica dominante nas introduções, também dependente do reconhecimento do papel da memória, é a inclusão de uma história das edições e das representações (as mais remotas destas últimas sendo parcialmente reconstituídas através de indícios textuais, em especial dos presentes nas rubricas). Esta abordagem também se nota na colecção azul, cujo volume dedicado às duas versões portuguesas setecentistas de Jean-Jacques Rousseau, *Narcisse ou l'amant de lui-même*, apresenta de forma exemplar, com base em documentação de arquivo, o percurso do texto por cá, desde o requerimento dos empresários do Bairro Alto pelo qual pedem licença à Real Mesa Censória para representação da comédia.

Para terminar, valerá a pena lembrar a definição de referência que Ivo Castro e Maria Ana Ramos dão de campo bibliográfico: "conjunto estruturado de unidades bibliográficas (livros impressos), organizadas em torno de um determinado texto: o campo de um texto é o grupo formado pelas edições existentes desse texto" [Castro / Ramos 1986: 112]. Com a ligeira actualização decorrente da necessidade de reconhecer hoje na unidade bibliográfica, além do livro impresso, certo tipo de documento electrónico, esta definição é útil para tomar consciência de como o CET, para um conjunto interessante de textos, procurou preencher várias casas (nalguns casos, todas as casas) do campo bibliográfico. Por outras palavras, parece haver no investimento feito na produção de edições pertencentes a tipologias diferentes o programa, diria institucional, de não dar ao leitor a oportunidade de queixume. Sob a forma de texto integral ou parcial, sob a forma de livro ou em suporte electrónico, com ou sem aparato de notas, o leitor não tem hoje razão para desconhecer a produção escrita do teatro quinhentista. De resto algumas das edições visam leitores específicos: o espectador de teatro tem na edição do *Filodemo* camoniano um texto associado ao espectáculo da Cornucópia estreado no Teatro do Bairro Alto a 18 de Março de 2004; os estudantes podem aproveitar os livros escolares que estabelecem o texto vicentino de *Visitação* e *Pastoril castelhano* (Edições Duarte Reis) ou o quinteto com os autos da *Alma*, *Barca do inferno*, *Feira*, *Índia*, além da farsa de *Inês Pereira* (Dom Quixote).

Enfim, aproveitando algumas expressões que José Camões e quem com ele trabalha resgataram do teatro quinhentista, apetece dizer no fim desta longa enumeração comemorativa que, "falando trigo", os frutos "estão pela mesa" e são recolhidos "antes que se seque este cospinho. Muito mantenha".

Referências bibliográficas

- AA.VV. (2007), *Teatro de autores portugueses do século XVI*, [CD-ROM] coord. José Camões, Lisboa, Centro de Estudos de Teatro / Biblioteca Nacional de Portugal / Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- (2010), *Teatro português do século XVI*, I, tomo II, introdução e edição de José Camões, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ÁLVARES, Afonso (2006). *Obras de ...*, introdução e edição de José Camões, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CAMÕES, José [António Camilo] (2006), *Editar novamente: onze textos de teatro português do séc. XVI*, Lisboa, Faculdade de Letras Universidade de Lisboa (tese de doutoramento, inédita).
- CAMÕES, José (2002), *Gil Vicente 1502. Visitação, Pastoril castelhano*, Lisboa, Edições Duarte Reis.
- (2004), "AB CD", in *Românica* 13, Lisboa, Colibri, pp. 43-52.
- (2008), "Um novo rascunho da vida da corte: uma cópia inédita da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos", in *Românica* 17, Lisboa, pp. 169-196.
- CAMÕES, José / CARLOS, Isabel Pinto (2006), "Sá de Miranda a quatro mãos", in *Românica* 15, Lisboa, pp. 9-41.
- CAMÕES, José / PINTO, Isabel (2012), "As traduções de *Le fanatisme ou Mahomet le prophète* na cena e na página: um caso de voltaíromania nas últimas décadas do século XVIII português", in *eHumanista. Journal of Iberian Studies* 22, pp. 211-235; http://www.ehumanista.ucsb.edu/volumes/volume_22/portuguese/10%20CamosPinto.pdf (data de acesso 28-9-2013)
- CAMÕES, Luís de (2004), *Filodemo*, edição de José Camões, Lisboa, Cotovia.
- CASTRO, Ivo de / RAMOS, Maria Ana (2010), "Estratégia e tática de transcrição", in *Critique textuelle portugaise*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian. Centre Culturel Portugais, pp. 99-122.
- ESTATUTOS (2010), Centro de Estudos de Teatro; http://www.fl.ul.pt/images/stories/Documents/Centros/Teatro/estatutoscet_homologacao.pdf (data de acesso 28-9-2013).
- MATEUS, Osório (2002), *De teatro e outras escritas*, organização de Maria João Brilhante, José Camões e Helena Reis Silva, Lisboa, Quimera / Centro de Estudos de Teatro.
- PRESTES, António (2008), *Autos de...*, introdução de José Camões, edição de José Camões e Helena Reis Silva, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ROBINSONS, Peter (2001), "What is a critical digital edition", in *Variants. The Journal of the European Society for Textual Scholarship* 1, Turnhout, Brepols, pp. 43-62.
- SHILLINGSBURG, Peter (2001), "Manuscript, Book, and Text in the 21st Century", in *Variants. The Journal of the European Society for Textual Scholarship* 1, Turnhout, Brepols, pp. 19-31.
- VICENTE, Gil (2001). *Todas as obras*, [CD-ROM], direcção científica de José Camões, Lisboa, CNCDP.
- (2001), *Reportório escolar. Alma, Barca do inferno, Feira, Índia, Inês Pereira*, edição de José Camões e Helena Reis Silva, Lisboa, Dom Quixote.
- (2002), *As obras de...*, direcção científica de José Camões, 5 vols, Lisboa, Centro de Estudos de Teatro / Imprensa Nacional – Casa da Moeda.